

SCHEREZADE: UMA RECONSTRUÇÃO DA NARRADORA DAS “MIL E UMA NOITES” EM “VOZES DO DESERTO DE NÉLIDA PIÑÓN”

Andreza Martins Coelho

Orientador: Arnaldo Rosa Vianna Neto

Mestranda

RESUMO: O presente trabalho terá o objetivo de fazer uma releitura da tão sedutora Sherazade, das *Mil e Uma Noites* reconstruída e recontada na literatura latino-americana brasileira. Neste caso, o foco será a obra *Vozes do Deserto* de Nélide Piñón. Com isso será abordado o discurso de gênero com foco na narratividade feminina e na alteridade americana, tendo como ponto de partida o ensaio *O Presumível Coração da América*, também da mesma autora, não deixando de passar por alguns mitos femininos sob a ótica de Jean-Pierre Vernant, e Clarissa Pinkola Estés, no que concernem os mitos gregos, latinos e pós-coloniais. Será abordada também a temática feminina no Islã, segundo Fátima Mernissi, Ghassan Ascha e Vera Lúcia Soares; e do *Orientalismo*, a fim de se fazer um diálogo com o pensamento de Edward Said sobre o oriental/árabe visto pelo ocidental/ latino.

PALAVRAS- CHAVE: mulher, narratividade, alteridade, orientalismo.

Introdução

Pensar em Sherazade é recuperar em um imaginário específico, a personagem narradora de uma coletânea dos contos encontrados em manuscritos, apropriados pela esfera da tradição oral que resultou no *Livro das mil e uma noites*. Embora no livro Sherazade não tenha sido representada a partir de características físicas, prevalecendo sua esperteza para se livrar da morte como algo marcante, em um imaginário ocidental predomina sua imagem como bela e sedutora mulher. Desse embate entre a real imagem de Sherazade e os sentidos enganadores que sua figura evoca, como esse mito teria permanecido na cena contemporânea latino-americana? Rastrear o imaginário relativo a esta personagem será o objetivo do presente trabalho. Para tanto, iremos nos restringir somente à *Vozes do Deserto* da autora brasileira Nélide Piñon.

Para tanto, será preciso, antes de chegar à presente obra fazer um percurso para dizer quem é a Sherazade das Mil e uma Noites sob a ótica de Muna Omran e Mamede Mustafá Jarouche. Far-se-á um estudo do que representa da mulher e de seu papel nos contextos árabe e, no contexto latino americano e, por consequência, o brasileiro. O primeiro será analisado sob as luzes de Vera Lúcia Soares, Fátima Merisini e Ghassan Ascha, teóricos que estudam a sociedade árabe bem como o Islã, uma religião de Estado. O segundo terá como embasamento o pensamento de Clarissa Pinkola Estés em seu livro “Mulheres que correm com os lobos”, o qual trata da psique feminina e da própria Nélide Piñon a partir de seus ensaios “O presumível coração da América” e “O gesto da criação: sombras e luzes”, onde supõe que a narrativa está ligada ao feminino e aos mitos.

Passaremos também pelo viés do *Orientalismo*, de Edward Said, a fim de se fazer um diálogo com o pensamento do intelectual palestino sobre o oriental/árabe visto pelo ocidental/ latino.

Šahrāzād e as Mil e Uma Noites

Conta-se em todo o Oriente e Ocidente que Šahrāzād, filha do grão-vizir, é uma jovem que decide se casar com o sultão Šāhriyār para livrar as outras mulheres do reino da morte, já que, de acordo com a promessa feita pelo sultão, a mulher que ele desposasse seria enforcada na noite seguinte às núpcias, para assim vingar-se da traição que sofrera e nunca mais ser traído.

Após o casamento, na noite seguinte que seria a noite mortal, Šahrāzād conta uma história palpitante ao seu esposo sem terminá-la. A curiosidade de Šāhriyār para conhecer o desfecho dessa história, é justamente o que vai deixá-la viva por mais um dia. Para tanto a jovem sultana contará com a ajuda de sua irmã Dīnārzād, que irá acordá-la antes da aurora se romper para que essa(s) história(s) tenha(m) continuidade. Esta estratégia durará mil e uma noites, ao final das quais o sultão abandonará a resolução e decidirá mantê-la viva ao seu lado por todos os dias da sua vida; reconhecendo as suas qualidades de coração e de espírito.

A performática personagem-narradora, segundo Muna Orman, constitui-se num mito do imaginário ocidental sobre as mulheres orientais, no entanto, com suas histórias cheias de aventuras e erotismo, também se faz no imaginário dos autores de língua árabe, pois este mito da sedução feminina é muito mais do que uma mera imagem, “é uma expressão simbólica cujos valores são carregados de conotações afetivas, o que caracteriza seu poder de sedução” (OMRAN, 2010, p. 27).

Por todo mundo árabe há uma forte tradição de se contar histórias, com os contos folclóricos passados oralmente por muitas gerações. No entanto, a partir do século VIII, com a ascensão dos centros urbanos em florescimento e uma cultura árabe que prosperava sob a orientação do Islã, passou-se a fazer uma distinção cada vez maior entre *alfus’ha* (a linguagem refinada em centros educacionais) e a *al-ammiyyah* (a linguagem das pessoas comuns). E, embora não fosse vista com bons olhos pelos acadêmicos árabes a coleção de contos apareceu sob vários títulos ao longo dos séculos seguintes, mas que hoje é conhecida como *As Mil e Uma Noites* ou *Noites Árabes*, nunca deixou de atrair interesse.

Assim, a narradora da *Mil e Uma Noites* produz um tapete de vivas cores tecido por diferentes contadores árabes, onde podemos encontrar uma imagem do mundo árabe-islâmico dos seis primeiros séculos da Hégira (a partida de Maomé, profeta islâmico, à Meca).

Essa personagem também tem outro trunfo em suas mãos, com as suas histórias: o de mostrar que a mulher, até então apresentada aos homens como fonte de infelicidade, estaria desvinculada do infortúnio. Nos seus numerosos contos, ela é sábia, exímia conhecedora do *Corão*, da história islâmica, e da ciência de governar. Pela sua erudição, ela impressiona mesmo todos os grandes homens da corte, principalmente o califa, prestes a dar todo o seu reino para se apropriar dessa tão grandiosa mulher.

Šahrāzād mostra ao seu interlocutor, através de muitos de seus contos que a mulher é também vítima, nessas histórias. Ela é torturada, presa em cofre, enterrada viva, ameaçada de mutilação ou de morte, espancada, violentada, assassinada, ou então submetida a todos os inimagináveis serviços

subumanos. Neste sentido a estratégia do sultão em enforçar a noiva, virgem e inocente, só dá mostras de uma sociedade cuja lei é ainda patriarcal, demonstrando também a intensa violência contra as mulheres.

Nessas experiências e transformações ela desvela mundos, personagens, rostos e corpos. Fazendo-nos conjecturar que esta personagem-narradora por sua riqueza de histórias, nos venha ser representada sempre como uma mulher dotada de beleza; e em padrões que se pedem em certas sociedades em determinados tempos.

Se levarmos em conta o que disse a filósofa Simone de Beauvoir, que “a mulher não nasce mulher, ela torna-se mulher” (BEAUVOIR, 1967, p.9); poderíamos então concluir que Šahrāzād se converte em uma tecelã de sua própria história, já que ela domina a situação, através da manipulação dos mistérios e artimanhas que intrigam os homens e perpetuam uma sociedade. Nessa manipulação é hábil ao orquestrar segredos da criação que resvalam na própria criação de um corpo para si.

Essa personagem nos remeteria aos mitos Ocidentais de Aracne, Penélope e Ariadne, no que concernem as metáforas que se repetem e se referem aos modos de pensar e agir que se vinculam às mulheres, a uma espécie de *modus operandi* ligado ao feminino. Pois neste contexto encontramos a presença das intrigas a vincular as ações das mulheres.

Contudo, esse mito prevaleceria na sociedade árabe nos dias atuais ou ainda, como esse mito se estenderia nas sociedades pós-coloniais? Para isso, precisaremos saber como qual seria o papel da mulher nos contextos árabes até chegarmos ao contexto latino-americano. Apesar de sabermos da existência de outras sociedades pós-coloniais, nos limitaremos nesse último por ser o foco da presente pesquisa.

O papel da mulher no contexto árabe

A sociedade árabe se constrói a partir de uma política de Estado na qual a religião tem suma importância. Acredita-se que o Islã é uma religião determinada para os povos árabes posto que, segundo o seu fundador, o profeta Maomé, Deus a escolheu para o seu povo.

Na metade do século VIII o território controlado pelos muçulmanos se estendia do Oriente Médio, passando pela Pérsia até o subcontinente indiano, e da África do Norte à Ibéria. Sociedades urbanas sofisticadas se tornaram centros culturais e também políticos. Esse foi o início da Era de Ouro

islâmica, que durou aproximadamente quinhentos anos. Assim, centros de aprendizagem, como a Casa da Sabedoria em Bagdá, atraíam sábios proficientes e, ciências, filosofia e artes bem como acadêmicos do livro sagrado, o *Alcorão*, cujo significado é a palavra de Deus revelada a Maomé.

Esse livro sagrado é considerado não apenas uma fonte de conhecimento, mas também o modelo para a literatura árabe. Tanto o seu estilo quanto a sua linguagem influenciaram profundamente a literatura clássica que floresceu a partir do século VIII.

Contudo, encontramos atualmente nesta sociedade uma problemática: a segregação feminina.

Fátima Mernissi diz que “todas as religiões monoteístas são marcadas pelo conflito divino-feminino, mas nenhuma foi tão longe quanto o Islã, que optou pela ocultação do feminino, pelo menos simbolicamente, tentando velá-lo, escondê-lo, mascará-lo.”(MERNISSI. 1987. p 105).

Vera Lúcia Soares afirma que para alguns intelectuais muçulmanos contemporâneos, o islamismo foi a primeira religião a conceder a mulher direitos plenos, colocando-a no mesmo nível do homem, e procuram comprovar que na época do Profeta, as mulheres não eram enclausuradas e participavam da vida social e política. (SOARES, 1998. P. 161). Por outro lado, a pesquisadora, coloca que “torna-se cada vez mais forte nos países muçulmanos, outra corrente do pensamento islâmico contemporâneo (o fundamentalismo) que, também, com base nos textos sagrados defende o enclausuramento da mulher e seu afastamento de toda a atividade política”. (SOARES, 1998, p. 164)

Esses desdobramentos religiosos encontram eco nas discussões atuais sobre o extremismo, já que nele a perspectiva religiosa se funda catastroficamente com a questão político-cultural. As narrativas das *Mil e uma noites* são uma maneira de confrontar esse entrecruzamento e verificar que a literatura mais uma vez dá um panorama eficaz de uma cultura e de suas complexidades. Com a expansão fundamentalista, mais uma vez, a luta pelo poder passa pela questão do gênero.

Contudo Ghassan Ascha, pressupõe que o Islã com sua *suratas* (capítulos do *Alorão*) e *hadihts* (pequenos mandamentos do Profeta, uma espécie de anexo do Livro Sagrado) colocam as mulheres em papel secundário. Além de alguns médicos, teóricos e pensadores islâmicos que as julgam frágeis, de baixa fé e de cérebro menor. (Cf. ASCHA, 1989)

Nos países como a Argélia, por exemplo, essa segregação sexual atravessou todo o período colonial e se mantém cada vez mais forte mais de 30 anos após a sua independência.

A escritora Assia Djebar reitera que durante a colonização, a tradição islâmica foi usada como ancora de resistência à invasão cultura estrangeira, “como uma espécie de escudo psicológico que fazia

com que o homem mantivesse a mulher em casa” para preservá-la da influência externa. (DJEBAR, 1998, p, 130)

Todavia, se no contexto ocidental a literatura de expressão árabe, poderia ser considerada machista e repressora no que se refere à construção do feminino, a literatura árabe sempre reservou um espaço privilegiado para as mulheres. Neste sentido, as narrativas de *As mil e uma noites*, só corroborariam este fato, já que nos trazem Sherazade (também podemos usar essa grafia) como narradora e protagonista. Nelas, as histórias se encadeiam e se entrelaçam umas nas outras, de maneira sucessiva.

E como se daria seus reflexos em outras sociedades, sobretudo a sociedade latino-americana, foco de nossa pesquisa? Para atingirmos uma possível resposta, seria preciso se fazer um breve estudo da narratividade feminina as Américas.

Narratividade feminina e alteridade americana

Partindo do pressuposto de Edward em *Cultura e Imperialismo* de que “as próprias nações são narrativas” e também que “as histórias estão no cerne daquilo que dizem os exploradores e os romancistas acerca das regiões estranhas do mundo; elas também se tornam método usado pelos povos colonizados para afirmar sua identidade e a existência de uma história própria” (SAID, 1995 p. 13).

Por isso, não diferente da sociedade árabe, as sociedades ameríndias nas sempre tiveram o hábito de se contar histórias e lendas, com a finalidade de educar e controlar os homens que nela vivem. A diferença se dá na grande importância que a mulher teria nessas sociedades, se pesquisarmos algumas dessas (ou muitas) teremos tal confirmação. Em certas tribos indígenas brasileiras, por exemplo, ela seria até mais valorizada que os homens por ser a responsável pela perpetuação da espécie humana. Em outras norte-americanas, a mulher estaria para a sua tribo como as lobas estariam para as suas matilhas por suas características tão semelhantes, como bem relata Clarissa Pinkola Estés em seu livro *Mulheres que correm com os lobos*.

Os lobos e as mulheres são gregários por natureza, curiosos, dotados de grande resistência e força. São profundamente intuitivos e têm grande preocupação para com seus filhotes, seu parceiro e sua matilha. Têm experiência em se adaptar a circunstâncias em constante mutação. Têm uma determinação voraz e uma extrema coragem. (ESTÉS, Pinkola Clarissa. 1992)

No entanto, com a colonização ocidental europeia machista e patriarcal, esses conceitos mudaram. Fazendo com que a mulher agora exercesse um papel também secundário nas sociedades do Novo Mundo e tendo os seus instintos naturais perseguidos e recalçados; havendo assim outra leitura deturpada dessa relação:

(...) as duas espécies foram perseguidas e acoçadas, sendo-lhes falsamente atribuído o fato de serem trapaceiros e vorazes, excessivamente agressivos e de terem menor valor do que seus detratores. Foram alvo daqueles que preferiram arrasar as matas virgens bem como os arredores selvagens da psique, erradicando o que fosse instintivo, sem deixar que dele restasse algum sinal. A atividade predatória contra os lobos e contra as mulheres por parte daqueles que não os compreendem é de uma semelhança surpreendente. (Idem, p. 16)

Em relação a todas essas mudanças decorrentes da colonização, Nélide Piñon, em sua coletânea de ensaios de título “O presumível coração da América” ressalta que:

A memória da mulher encontra-se na Bíblia. Ainda que não tivesse sido ela interlocutora de Deus. Essa memória encontra-se igualmente nos livros que não escreveu. Uma memória que os narradores usurparam enquanto vedavam à mulher o registro poético de sua experiência. (PIÑON, Nélide, 2011, p. 11).

Mais adiante, no mesmo ensaio, endossa esse empoderamento que tem a mulher sobre a narrativa:

Narro porque sou mulher. Narro porque desde os meus primórdios cumpro uma crença proteica. Sob o ardor da vida, sob a epifania das palavras, cabe-me assumir todas as formas humanas. A nenhuma delas dou as costas, tampouco cancelo suas vozes narrativas. Declaro-me filha do império humano. Ressoam em mim as derradeiras badaladas que o carrilhão humano faz repicar no destemido descampado. (p. 13)

Ao seguirmos essa linha de pensamento, teremos uma escritora brasileira pós-colonial, cuja temática de suas obras está na temática de gênero bem como na narrativa fundadora. Dessa forma, acredita-se que autora busca nos mitos o desenvolver de suas histórias e seus personagens. Pois, como

ela mesma afirma, em seu ensaio *O gesto da criação: sombras e luzes*:

Na condição de escritora, proclamo que a vida merece ser memorizada. Afinal, adestrados para a função de recordar, nós, escritores, somos como os amautas. Uma categoria que, entre os incas, era educada para memorizar, devia preservar os feitos de sua raça, de modo que nada fosse esquecido. (PIÑON, 1997, p. 191)

Partindo do pressuposto de Roland Barthes, quando diz que toda escrita é produto de um autor. Nélide Piñon descreverá a sua Scherezade de acordo com as experiências de leitura que tivera ao longo de sua vida. A autora diz, por ela mesma que foi educada entre duas sociedades: a brasileira e a galega. Para tanto ela poderia recorrer aos mitos, quanto ao *Orientalismo* de Edward Saïd.

Minha ideia é que o povo europeu e depois americano no Oriente era político segundo alguns dos óbvios relatos históricos que apresentei, mas que foi a cultura que criou esse interesse, que atuou dinamicamente junto com a lógica política, econômica e militar bruta para fazer do Oriente o lugar variado e complicado que ele evidentemente que chamo de Orientalismo”. (SAID, 1995. p. 40)

Sendo assim, em que perspectiva a autora reconstruiria a sua personagem-narradora Scherezade? Analisaremos essa construção/reconstrução a partir desta breve análise do romance *Vozes do deserto* para respondermos a essa pergunta (ou talvez problematizá-la).

Vozes do Deserto: a construção de Scherezade em outras “vozes”

Em *Vozes do deserto*, uma releitura dos personagens das Mil e Uma Noites, não seria diferente. Trata-se de uma mulher que precisa contar histórias ao Califa para assim escapar da morte. Dinazarda, sua irmã e a escrava Jasmine serão suas aliadas e cúmplices. Nesse último, temos uma forte presença do patriarcalismo (representado pelo Califa) e da insulação feminina (Scherezade, Dinazarda e Jasmine que nunca saem do palácio).

O presente romance é o momento no qual as histórias são pré-fabricadas. É uma espécie de bastidor das *Mil e Uma Noites*. Scherezade, nesse caso, se constituiria nos diálogos entre a sua irmã, Dinazarda e a escrava Jasmine, que aparece no quarto capítulo do romance. Estes diálogos se dão na relação entre as três mulheres e no que elas representam.

Scherezade é a jovem que decide se casar com o Califa a fim de evitar o feminicídio que este prometera desde que fora traído. Para isto, põe a sua própria vida em risco deixando o pai, o Vizir enlouquecido com a decisão até persuadí-lo. Para se salvar da morte, conta com a ajuda de sua irmã mais velha (diferente da personagem das Mil e uma noites, cuja irmã é mais nova) que a acorda antes da aurora se romper, e assim contar as histórias intermináveis e intrigantes. Aprendera com os melhores professores (como bem quis seu pai) as ciências, as artes, a medicina. Contudo, a arte da narrativa adquiriu de sua ama Fátima, mestre na narrativa. Também, antes do casamento, andava livremente pela medina da cidade, onde recarregava a sua força imaginativa.

Dinazarda, a irmã mais velha. Preocupada com Scherezade por considera-la frágil acredita que ela suportará os desejos do Califa no sexo e de não conseguir narrar por muito tempo, e fracassar com o plano de sobreviver e não mais deixar matar, além de ter o desejo de estar com o Califa, não somente para atender aos seus desejos sexuais, mas para tornar-se sultana. Dessa forma teria, como mulher, o poder que seria possível conquistar através de um homem.

Jasmine, a escrava de belas curvas, contratada para cuidar de Scherezade. Não conhece suas origens. Mulher, escrava, objeto, não conhece a sua história. Descobre-se através das histórias que Scherezade conta porque nessas histórias está a memória de seu povo. Ouve as narrativas de Scherezade atrás do biombo junto com Dinazarda. O leitor pode perceber uma suposta relação homo afetiva entre as duas. O que poderia nos remeter a Georges Bataille, em uma espécie de continuidade que Jasmine procuraria nesta relação. O filósofo francês propõe que todos os seres humanos são espécies descontínuas e que procuram a continuidade possível através do sagrado ou do outro (o erotismo). Para chegar a ambos, haveria uma espécie de abismo (o que chama de “interditos”) sendo somente a transgressão a possibilidade de transcendê-lo. (Cf. BATAILLE, 1958)

Poderíamos até afirmar que a relação homo afetiva entre Scherezade e Jasmine seria uma espécie de transgressão tanto quanto para se chegar ao outro como para se chegar ao sagrado (sua ancestralidade). Com um tempo, Jasmine aprenderá a arte de contar histórias, a arte da narrativa.

O espaço se dá no palácio do Califa, nos aposentos onde Scherezade conta as suas histórias ao Califa, tem relações sexuais com esse, e logo depois, durante o dia; pensa em suas histórias e como contá-las e refazê-las, como se fosse uma tecelã que trabalhasse incansavelmente para produzir suas narrativas. Esses aposentos são uma espécie de gineceu, se pensarmos que é habitado somente por

mulheres, ou de harém; se considerarmos que pode ser visitado somente pelo Califa, o abássida, o verdugo de Scherezade.

O Califa, é um quarto personagem e que também compõe essas vozes que narrada neste deserto de Nélide Piñon. Trata-se de uma representação masculina, também vítima do machismo. É aquele que apesar de ser proprietário de um harém, ter roubado a amante do tio, carrega consigo um grande fardo: fora traído com um “escravo negro de pênis grande” (PIÑON, 2005, VDD, p, 54).

Partindo do pressuposto de que o corpo é um produtor de signos em constante mudança e que segundo Nélide Piñon diz que este é “puro verbo”, poderíamos dizer que a construção/reconstrução dessa narradora-personagem além de se dar nos mitos, nos imaginários e nas narrativas por onde perpassa e com os quais dialoga; se daria também em suas relações com outras vozes: a voz de sua ama que lhe ensina a contar histórias, a voz de sua irmã que mesmo submissa ao machismo de sua sociedade, não desaparece na história e tem um romance com um dos oficiais de seu pai; e a voz da escrava, que duas vezes pertencendo ao lado mais frágil da sociedade (além de escrava é mulher), passa a existir e ganha o poder da narrativa logo após a fuga de Scherezade ao assumir o seu lugar na “contação” de histórias para o Califa.

Conclusão

A partir destes estudos podemos concluir que a presença da mulher na narrativa é algo muito forte e poderoso. Assim se constrói *Sherazade*, narrando para não morrer. Dessa forma ela vive até os dias atuais, cruza horizontes, oriente e ocidente. E é nesse mosaico de leituras e de leitores que ela será construída, reconstruída, e talvez desconstruída, possibilitando, ao leitor e ao crítico literário contemporâneos mil e uma imagens em torno desta tão sedutora personagem. Além de possibilitar a novos autores de criarem novas Scherezades, como, a brasileira Nélide Piñon.

E quantas Sherazades ainda vão existir para livrar as mulheres ocidentais/ latinas, que brigam por seus direitos de terem o mesmo salário dos homens, de poderem sair às ruas sem sofrer o assédio grosseiro e machista?

Quantas Sherazades, Penélopes, Aracnes, Ariadnes serão necessárias para destruírem esse mito que distribui os determinados papéis e rótulos para as mulheres. Como por exemplo, as mulheres para a satisfação sexual dos homens e as submissas para a maternidade e cuidar do lar, visto que mulher não é meio de consumo, não é um produto, não precisa de rótulos, e sim de ser mulher?

Até quando as mulheres terão de contar histórias, cobrir-se de véus, para ter voz, quando, na verdade, elas mesmas poderiam tecer as suas histórias e se adornarem com seus véus bordados e pintados por elas mesmas? Num mundo onde, na verdade, não deveria nem existir toda essa segregação, posto que, na verdade, antes de sermos gênero, somos gente.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. *S/Z*. Paris: Seuil, 1982.

_____, *O Rumor da Língua*, São Paulo: Brasiliense, 1988.

BHABHA, Homi K. A questão do Outro: diferença, discriminação e o discurso do colonialismo. In: HOLLANDA, Heloisa de. (Org.). *Pós-modernismo e política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

BENJAMIN, W. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. IN: ESTÉS, Clarissa Pinkola. *Mulheres que correm com os lobos*. Mitos e história do arquétipo da mulher selvagem. Tradução Waldéa Barcellos, Rio de Janeiro, Rocco, 1999.

HOURANI, Albert. *Uma História dos Povos Árabes*. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LEWIS, Bernard, *Les arabes dans l'Histoire*. Traduit de l'anglais par Denis-Armand Canal. Aubier pour l'édition française. Paris. 1993

LIVRO *das Mil e Uma Noites*. 1,2,3 v. Tradução de Mamede Mustafá Jarouche. 1. ed., v. I. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2005

OMRAN, Muna. *O Feminino na Poesia De Expressão Árabe Contemporânea* In: Revista Litteris – DOSSIÊ ESTUDOS ÁRABES & ISLÂMICOS Número 5, Julho de 2010

PERROT, Philippe. *Le corps féminin: Le travail des apparences XVIIIe – XIXe siècle*. Paris. Éditions du Seuil, 1984

PIÑON, Néida. *Vozes do deserto*. 7ª Edição. Rio de Janeiro : Record, 2012.



_____. *O presumível coração da América*. Rio de Janeiro, Ed. Record, 2011.

SAID, Edward. *Orientalismo – O Oriente como invenção do Ocidente*. Trad. de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

SOARES, Vera Lúcia. *A escritura dos silêncios : Assia Djebar e o discurso do colonizado no feminino*. Niterói. EdUFF, 1998.

VILHAÇA, Nízia e GÓES, Fred. *Em nome do corpo*. São Paulo: Estação das Letras e Cores. 2014.